



PROGRAMAS POLICIAIS NA COBERTURA DA PANDEMIA DE COVID-19

Police telejournalism in the coverage of the Covid-19 pandemic

Teleperiodismo policial en la cobertura de la pandemia Covid-19

Janaine Sibelle Freires Aires

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Janaine.aires@ufrn.br

Ticianne Maria Perdigão Cabral

Professora da Unyleya
ticiperdigao@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa como programas policiais cobriram a pandemia de Covid-19. A hipótese é que, em virtude do formato de mediação, os apresentadores extrapolam a liberdade de expressão e podem expor a sociedade a condições vulneráveis. Inicialmente, contextualizou-se a conjuntura política do governo federal no enfrentamento ao vírus. Em seguida, a partir do escopo teórico da Economia Política da Comunicação e da técnica de criação de uma semana fictícia, analisou-se o conteúdo dos programas *Brasil Urgente* (Band) e do *Alerta Nacional* (RedeTV!). Os resultados indicam que a dependência econômica é nociva à cobertura crítica; os programas contribuíram para a difusão de informações falsas; e reproduziram a polarização política que opôs governo federal a governos estaduais.

Palavras-chave: Programas Policiais. Cobertura da Pandemia de Covid-19. Economia Política da Comunicação.

Abstract

This article analyzes how police programs covered the Covid-19 pandemic. The hypothesis is that, due to the mediation format, presenters go beyond freedom of expression and may expose society to vulnerable conditions. From the theoretical scope of Political Economy of Communication, from the technique of creating a fictitious week, content analysis was associated with content analysis. The results indicate that economic dependence is harmful to critical coverage; the programs contributed to the spread of false information; and reproduced the political polarization that opposed the federal government to state governments.



Key words: Police Programs. Covid-19 Pandemic Coverage. Political Economy of Communication.

Resumen

Este artículo analiza cómo los programas policiales cubrieron la pandemia Covid-19. La hipótesis es que, debido al formato de mediación, los presentadores van más allá de la libertad de expresión y pueden exponer a la sociedad a condiciones de vulnerabilidad. Desde el ámbito teórico de la Economía Política de la Comunicación, desde la técnica de creación de una semana ficticia, asociada al análisis de contenido. Los resultados indican que la dependencia económica es perjudicial para las coberturas críticas; los programas contribuyeron a la difusión de información falsa; y reproducir la polarización política que enfrentó al gobierno federal con los gobiernos estatales.

Palabras clave: Programas policiales. Cobertura de la pandemia Covid-19. Economía política de la comunicación.

1 INTRODUÇÃO

Em 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado pelo Ministério da Saúde. Àquela altura, a Organização Mundial de Saúde (OMS) já havia declarado a condição de transmissão pandêmica no mundo do novo coronavírus e divulgado diretrizes de prevenção, ações de higiene e de manutenção de distanciamento social (2020).

Com o passar dos meses, as medidas contra a Covid-19 precisaram caminhar paralelamente ao combate de outro fenômeno de efeitos virais: a *infodemia*. Batismo dado pela OMS ao excesso de informações sobre o tema com diferentes níveis de precisão. Foi nesse sentido que a televisão teve um papel importante no Brasil. Presente em 98% do território nacional, segue como o principal instrumento de informação e de entretenimento. A pesquisa Kantar/Ibope (2020) demonstrou que a televisão brasileira teve um aumento sem precedentes de audiência a partir do dia 20 de março de 2020. Do ponto de vista da audiência, o gênero jornalístico ganhou ainda mais destaque, com um aumento de 22% do tempo médio de consumo diário individual¹.

O objetivo deste trabalho consiste em analisar programas telejornalísticos focados em pautas policiais, com o intuito de observar como se comportaram na cobertura da pandemia de COVID-19. Esses programas dominam a paisagem audiovisual brasileira e são produzidos em todos os estados do país. Apesar da diversidade de formatos, os programas compartilham o

¹ A comparação é feita entre o final do mês de maio e janeiro de 2020.

foco na cobertura da violência urbana como também um tipo específico de mediação de seus apresentadores, caracterizado pelo amplo espaço discursivo. Tal formato permite um viés opinativo em que há um domínio da observação sobre a explicação na abordagem da informação (CANAVILHAS, 2011).

De um modo geral, notamos que essas particularidades narrativas compõem um rico campo de observação. A hipótese é que os apresentadores desses programas abusam da liberdade de expressão, colocando a sociedade em risco. Ao final, concluímos que os programas analisados utilizam a desinformação como uma estratégia reforçadora para (1) privilegiar a perspectiva econômica em detrimento à saúde; (2) reproduzir a polarização política que opôs governo federal a governos estaduais, gerando uma aderência política e ideológica na audiência e (3) compartilhar emoções de revolta e de indignação.

O uso do marco teórico embasado na Economia Política da Comunicação se mostrou relevante nesta análise por suas contribuições e por sua perspectiva interdisciplinar, ancoradas em parâmetros, sobretudo, políticos e econômicos (BRITTOS E CABRAL, 2008). O escopo adotado acomoda-se ainda mais como referencial teórico de análise dentro do contexto pandêmico visto a intensificação desses programas em estratégias de desinformação para o aumento do lucro e o uso dos meios de comunicação como ferramentas políticas partidárias.

Nosso percurso, após a descrição da metodologia, inicialmente, se dedicará a elaborar uma análise da conjuntura política e sua interferência direta na relação entre a comunicação e a saúde. A emergência sanitária trouxe diferentes desafios na consolidação do direito à comunicação, especialmente na temática da desinformação que atingiu níveis significativos. Em seguida, haverá a análise da semana fictícia dos programas policiais *Brasil Urgente* e *Alerta Nacional*. Serão discutidos exemplos de abuso da liberdade de expressão que possibilitaram identificar como os programas policiais trataram a pauta da pandemia de Covid-19.

2 METODOLOGIA

A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), escolhemos dois programas policiais e, inicialmente, separamos as matérias e os discursos dos apresentadores que, de algum modo, se relacionavam ao coronavírus. Em seguida, fizemos uma separação por temas. Associamos unidades de sentidos e analisamos as temáticas. Deste modo,

conseguimos concluir a predominância da abordagem econômica e política na cobertura do coronavírus.

O *corpus* inicial pretendido corresponde a programas desse formato de emissoras de televisão com sinal aberto transmitidos nacionalmente. Ao avaliar a grade de programação das 05 principais emissoras de televisão aberta no Brasil, a saber: Globo, RecordTV, SBT, Band e RedeTV! - identificamos 05 programas focados na pauta policial com transmissão diária em rede nacional: *Brasil Urgente* (Band); *Balanço Geral e Cidade Alerta* (Record); *Alerta Nacional* (RedeTV!) e *Primeiro Impacto* (SBT)². A pesquisa irá se debruçar sobre dois programas: *Brasil Urgente* (Band) apresentado por José Luiz Datena e o *Alerta Nacional* (RedeTV!) comandado por Sikêra Júnior. A escolha se deu pela praticidade da pesquisa retrógrada.

Os dois programas são os únicos que possuem suas íntegras disponíveis na plataforma do *YouTube*. O número também abrange metade do *corpus* pretendido e possibilita inserções comparativas. O marco temporal para início da pesquisa corresponde ao dia 20 de março de 2020. Na data, o Ministério da Saúde (2020) reconhece a transmissão comunitária do Covid-19 em todo o Brasil.

Nesse período, a maioria dos estados já havia decretado medidas de isolamento social, orientando a população a ficar em casa e, conforme já destacamos, a televisão ampliou sua audiência e o consumo de conteúdo do gênero jornalístico. Tal quadro, corrobora a escolha do lapso temporal. Para construir nossa amostragem usamos como método a criação de uma semana fictícia. A partir da data inicial escolhida somamos quinze dias corridos até que fosse possível completar uma semana de exibição de cada programa conforme destrinchamos na tabela 01 a seguir.

Tabela 01. Dados da amostragem utilizadas para análise

DIA DA SEMANA	DATA DE EXIBIÇÃO	ALERTA NACIONAL		BRASIL URGENTE	
		Apresentação	Tempo	Apresentação	Tempo
SEXTA	20/03/2020	Sikêra Júnior	77 min	Datena	203 min
SÁBADO	04/04/2020	Sem edição		Datena	183 min
DOMINGO	19/04/2020	Sem edição		Sem edição	
SEGUNDA	04/05/2020	Bruno Fonseca e Mayara Rocha	85 min	Datena	205 min
TERÇA	19/05/2020	Bruno Fonseca e Mayara Rocha	82 min	Datena	206 min
QUARTA	03/06/2020	Sikêra Júnior	102 min	Datena	204 min

² Todos os cinco programas com este perfil de veiculação nacional têm edições regionais associadas, com exceção do *Alerta Nacional* que só tem a edição regional do estado do Amazonas e o DF Alerta, no Distrito Federal.

QUINTA	18/06/2020	Sikêra Júnior	82 min	Datena	203 min
--------	------------	---------------	--------	--------	---------

Fonte: Elaboração própria.

Os programas têm traços distintos no que se refere a periodicidade e a duração. Por isso, optamos por excluir os sábados e domingos de nossa semana fictícia para que não houvesse disparidades na análise. O programa *Brasil Urgente* estreou em 2001, na Band, e, atualmente, tem média de 3 horas de duração, sendo exibido de segunda a sábado. Já o programa *Alerta Nacional*, da TV A Crítica, afiliada da Rede TV!, estreou em 28 de janeiro de 2020 e tem 1 hora e meia de duração em média, sendo exibido de segunda a sexta.³

A amostragem também aponta para uma situação atípica que optamos por integrar a nossa análise, que diz respeito ao afastamento de Sikêra Júnior entre 23 de abril e 25 de maio de 2020 para tratamento da COVID-19. Nesse período, o apresentador foi substituído pela dupla Bruno Fonseca - o repórter era conhecido na atração como “Brunoso” e recebia a alcunha de “o capiroto da informação” e “o amaldiçoado da notícia” -, e Mayara Rocha, também repórter do programa.

3 COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E SAÚDE

A conjuntura da *infodemia* no Brasil conta com variáveis adicionais que reproduzem características estruturais da comunicação e da política, sobretudo no que se refere à política nacional. A crise sanitária, em associação com a proximidade das eleições municipais de 2020, provocou uma agenda intensa de mudanças nos arranjos do poder. Em geral, quanto às medidas adotadas para combate à pandemia, o cenário de disparidades pode ser resumido entre dois polos politicamente bem definidos: aqueles que interpretam os efeitos econômicos como mais nocivos; e aqueles que encaram os impactos humanos e sociais como mais importantes. Tal dicotomia subdividiu também a comunicação e se revelou diretamente nos produtos audiovisuais analisados.

Nesse sentido, as características estruturais de nossa mídia não podem ser ignoradas. Afinal, conforme afirmação de Leal (2000), o problema da televisão brasileira é estrutural. Uma vez que as concessões públicas são direcionadas a políticos e nosso modelo de exploração comercial presente desde a primeira transmissão, impede, por exemplo, o pluralismo de vozes e o entendimento social de que aquela transmissão se constituía em um

³ O *Alerta Nacional* é uma versão nacional de um programa regional, o *Alerta Amazonas*, produzido pela TV A Crítica que até junho de 2019 foi ligada a RecordTV, quando se tornou afiliada da Rede TV! O programa é transmitido a partir de uma parceria entre a TV A Crítica e a Rede TV! que viabiliza sua transmissão em rede.

serviço público. Tais aspectos são pontos caracterizadores da formação paradoxal da radiodifusão brasileira que repercutem na sua programação, profundamente marcada pela notória facilidade de acesso dos interesses políticos que, em alguns casos, se sobrepõe aos interesses meramente econômicos (SANTOS, 2015).

Por prerrogativa legal, foi através da cadeia nacional de televisão e de rádio que a Presidência da República apresentou a tônica do entendimento político da pandemia. Durante todo o mandato, perpetuou-se a hostilidade do presidente aos grupos midiáticos com maior tradição jornalística. Em 24 de março de 2020, através de um discurso oficial, a posição do governo federal se radicaliza. Foi nessa ocasião que Jair Bolsonaro classificou o vírus letal como uma “gripezinha”, fez duras críticas ao isolamento social, às medidas de governadores, de prefeitos e da imprensa no que denominou como uma “histeria coletiva” e conclamou a nação a um retorno à normalidade. O cenário ficou ainda mais complexo com diferentes crises políticas e institucionais e o governo federal dificultou a divulgação de dados sobre a Covid-19.

Diante da restrição de dados oficiais por parte do Ministério da Saúde a partir da gestão do ministro Eduardo Pazuello, parte das empresas jornalísticas formalizou, em junho de 2020, o Consórcio de Veículos de Imprensa⁴ para a coleta direta de dados junto às secretarias de saúde estaduais e, outra parte, seguiu adotando apenas os dados oferecidos pelo Ministério da Saúde como fonte. Observa-se assim que a crise sanitária no Brasil promoveu, também, o recrudescimento de certa polarização midiática vigente e potencializada desde a chegada de Bolsonaro à presidência da república em 2019.

Essa cisão na rotina de produção dos veículos fortaleceu a dicotomização, bastante discutida, que contrapõe o denominado “jornalismo de referência” *versus* o “jornalismo popular”. Segundo Amaral (2006), o primeiro estaria associado a uma matriz racional-iluminista fundamentada em compromissos mercadológicos e como difusor de fatos de interesse público, ancorados no que se denomina como um compromisso indissolúvel com a verdade dos fatos. Já o segundo se pautaria a partir de uma matriz cultural distinta, referenciada especialmente pelo viés dramático e pelo apelo a defesa de pretensos interesses da audiência.

Apesar dessa dicotomização reproduzir acriticamente divergências de classe, observa-se que, no contexto da crise sanitária, a rotina de produção jornalística apontou para caminhos

⁴ Formado por Jornalistas dos portais G1 e Uol e dos Jornais *O Globo*, *Extra*, *Estado de S. Paulo*, *Folha de São Paulo*.

de divergência evidente e que essas divergências são explicadas sobretudo pelo grau de dependência da verba pública estatal. Os quatro programas focados na cobertura policial de veiculação nacional, citados anteriormente, não compõem o consórcio citado e reproduzem a veiculação dos dados apenas apresentados oficialmente pelo governo federal. Já no que se refere aos dois programas analisados, a saber *Brasil Urgente* e *Alerta Nacional*, compartilha-se mais uma particularidade: ambos receberam em diferentes ocasiões tratamento privilegiado como difusores de pronunciamentos da presidência da república. Um contraste significativo, considerando os inúmeros episódios em que o então presidente demonstrou comportamento arreado, desde o período de campanha, com a imprensa e com o debate.

Jair Bolsonaro concedeu sucessivas entrevistas exclusivas para o programa *Brasil Urgente*, ao longo da cobertura da pandemia, incluindo ocasiões que antecederiam seus pronunciamentos oficiais. Além das entrevistas do presidente, o programa foi o porta voz oficial do Ministério da Cidadania quanto ao pagamento do auxílio emergencial aos brasileiros com inserções que duravam em média 40 minutos⁵.

Já no caso do programa *Alerta Nacional*, o acesso privilegiado à presidência também se observa. O presidente frequentemente cita o programa em suas aparições na entrada do Palácio da Alvorada. Em 30 de março de 2020, por 20 minutos, o presidente concedeu entrevista exclusiva ao *Alerta Nacional* e, naquela ocasião, comentou-se inclusive uma notícia falsa, como reproduzimos a seguir:

[*Sikera Júnior*] - Presidente, já começa a aparecer algumas mortes por outras causas, que estão colocando na conta do coronavírus. Eu vou dar um exemplo de um caso que aconteceu este fim de semana em Pernambuco - **vamos conferir se procede...** Um borracheiro consertando um pneu, estorou o pneu, a calota, enfim... e no atestado de óbito dele colocaram como coronavírus. O senhor tem conhecimento disso? Se realmente estão botando na conta do vírus?

[*Jair Messias Bolsonaro*] - Temos conhecimentos deste fato específico, como de outros. Parece que há interesse por parte dos governadores em inflar o número dos óbitos vitimados do vírus, e daí isso daria mais respaldo para eles e para gerar mais recursos do Governo Federal e para justificar as medidas que eles tomaram, para dizer: olha, se não tivesse tomado essa medida no nosso estado, mais gente teria morrido. Por outro lado, há várias enfermidades, e a

⁵ O apresentador se declarou pré-candidato à Presidência da República em 2021. A partir do bordão “Só no nosso”, o programa empreendeu críticas às políticas econômicas e sociais federais com intuitos eleitorais. Cf: CAMPOS, João Pedroso de. José Luiz Datena: “Vou ser presidente”. Páginas Amarelas. Revista Veja. 15 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/jose-luiz-datena-vou-ser-presidente/>> Acessado a 22 de novembro de 2021.

imprensa oposta ao governo pega aquilo e entra como Covid-19, e isso não está certo! Isso é uma prática que está sendo usado como política. Para fazer politicalha, para justificar as medidas equivocadas que alguns governadores e prefeitos tiveram nessa ocasião. (PROGRAMA ALERTA NACIONAL, 30 DE MARÇO DE 2020, TV Acrítica – *on-line*. **Grifo nosso**)

A Secretaria Estadual de Pernambuco desmentiu a versão apresentada nessa informação veiculada em massa por correligionários da presidência de Jair Bolsonaro. Segundo o órgão público, o paciente faleceu de Influenza A, e não constou nos dados oficiais como vitimado pela Covid-19. A dubiedade com a qual o entrevistador apresenta a informação, nesse sentido, nos parece estratégica. Mesmo sem a devida apuração, a temática é tratada e, conseqüentemente, confirmada pelo presidente.

Hirst (2017) ao analisar o que denomina “uma economia política de notícias falsas” considerou como categoria de *Fake News* notícias altamente enganosas e ideológicas que utilizam a linguagem popular. Para o autor, a economia política ajuda a contextualizar os tipos de notícias falsas por tecer críticas à política democrática liberal fundada no modo de produção capitalista. Para Hirst (2017) a desinformação destaca ainda mais o aspecto de que a maioria da categoria de notícias (especialmente sobre política, economia e questões sociais) são embutidas de ideologia que pode ser deliberada ou explícita. Tal questão, segundo o autor, afasta ainda mais a concepção de notícias como uma aproximação objetiva da realidade.

Ruediger (2019) afastou o termo *fake news* do seu marco teórico adotando o conceito de desinformação por considerar mais abrangente a complexidade do tema. A desinformação se refere a “todas as formas de informações falsas, imprecisas ou enganosas criadas, apresentadas e divulgadas para intencionalmente causar danos públicos ou obter lucros” (p.11).

Dessa forma, a intencionalidade da ação é importante quesito de análise por diferenciar desinformação da informação errada ou mal apurada. Essa perspectiva também é ancorada por esta pesquisa, na medida em que os programas policiais analisados, na cobertura da Covid-19, veicularam desinformação de forma intencional com objetivos políticos e comerciais que visam lucro. No caso citado acima, identificamos um propósito muito específico que é apresentar o provável episódio como uma evidência de oportunismo político de seus opositores que, nas palavras do presidente Bolsonaro, usam situações similares “para fazer politicalha, para justificar as medidas equivocadas que alguns governadores e prefeitos tiveram nessa ocasião”. Ademais, esta contextualização política nos parece importante para

introduzir o posicionamento político dos produtos analisados. Na próxima seção, analisaremos, o papel que desempenharam na cobertura.

4 A COBERTURA DA COVID-19 A PARTIR DE PROGRAMAS POLICIAIS

4.1 O *Brasil Urgente*

A exibição do programa *Brasil Urgente* coincidiu com o horário em que o Ministério da Saúde, inicialmente, realizava as coletivas de imprensa. Isso fazia com que parte da atração acompanhasse ao vivo as falas oficiais e que a cobertura dos bastidores políticos se misturasse com as notícias sobre a crise sanitária especificamente. Nossa amostra registra os conflitos políticos que resultaram na queda do ministro da saúde Luis Henrique Mandetta, Sérgio Moro e finaliza com a prisão de Fabrício Queiroz e a demissão do Ministro da Educação Abraão Weintraub, ocorridas concomitantemente.

Desde o princípio da pandemia de Covid-19, o programa focou na cobertura do avanço da doença e nos impactos sociais e econômicos consequentes, conforme é possível observar pela quantidade de matérias elencadas em nossa mostra. Na tabela 03, detalhamos apenas as pautas que versaram sobre o Coronavírus no telejornal, que veiculara cerca de 20 reportagens/notícias na edição e, conforme já destacamos, tem média de 3h diárias. Este cenário nos parece apontar para um ambiente de produção jornalística mais formal. Duas variáveis colaboram com tal perspectiva: 1) Abrangência e profundidade das reportagens; e segundo 2) A presença de falas autorizadas.

Em termos comparativos, a abrangência de cobertura do *Brasil Urgente* é mais limitada que o programa *Alerta Nacional*. As edições analisadas têm repórteres correspondentes no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Distrito Federal. No entanto, as matérias são mais aprofundadas e os comentários recuperam elementos factuais e diferentes falas de autoridade. Já quando comparamos a interlocução de ambas as produções é possível identificar um volume mais expressivo de políticos e de especialistas entrevistados pelo *Brasil Urgente*. Soma-se a isto o fato de que se exhibe as entrevistas feitas pela manhã no programa de rádio comandado pelo apresentador, o *Manhã Bandeirantes, com Datena*.

Tabela 03. Detalhamento das edições do programa *Brasil Urgente* analisadas

DIA DA SEMANA DATA DE EXIBIÇÃO	Quantidade de vítimas oficiais do Coronavírus	BRASIL URGENTE
SEXTA 20/03/2020	11	DATENA COM DAMARES: MINISTRA FALA SOBRE O RISCO DO CORONAVÍRUS AOS IDOSOS LINK AO VIVO: BOLSONARO FALA COM EMPRESÁRIOS - CORONAVÍRUS: NOVAS MEDIDAS PARA A ECONOMIA CORONAVÍRUS: 8 MORTES - ÁLCOOL EM GEL FALSO É VENDIDO EM SÃO PAULO CORONAVÍRUS: NOVO REMÉDIO - PESQUISADORES CORREM CONTRA O TEMPO PARA CRIAR VACINA CORONAVÍRUS: NOVAS MEDIDAS - DECRETADO ESTADO DE CALAMIDADE PÚBLICA EM SÃO PAULO CORONAVÍRUS: 8 MORTES NO PAÍS - BRASIL FECHA FRONTEIRAS E LIMITA VOOS ESTRANGEIROS
SEGUNDA 04/05/2020	7.921	AUXÍLIO DE 600 REAIS - CAIXA EXPLICA PROBLEMAS NO PAGAMENTO BOLSONARO: CHEGAMOS NO LIMITE - ATO EM BRASÍLIA TEVE AGRESSÃO A JORNALISTAS PASSAGEIROS NO SUFOCO: METRÔ E TRENS LOTADOS NA QUARENTENA BLOQUEIOS NO TRÂNSITO DE SP - AVENIDAS COM CONGESTIONAMENTO APÓS INTERDIÇÕES DATENA ENTREVISTA JOÃO DORIA: GOVERNADOR NEGA USO DA PANDEMIA PARA FAZER POLÍTICA
TERÇA 19/05/2020	17.971	SEM QUARENTENA - COMÉRCIOS ABERTOS DURANTE O ISOLAMENTO TRANSPORTE LOTADO - PASSAGEIRO ENFRENTA AGLOMERAÇÃO NO HORÁRIO DE PICO A FOME NA PANDEMIA - DATENA FALA COM DIRETOR DA ONU SEM CLIENTES E SEM DINHEIRO - DONO DE BAR À BEIRA DA FALÊNCIA AUXÍLIO EMERGENCIAL NEGADO - GARÇOM NÃO SABE MAIS O QUE FAZER 2ª PARCELA DOS 600 REAIS - MINISTRO ONYX EXPLICA PAGAMENTO DO AUXÍLIO EMERGENCIAL
QUARTA 03/06/2020	32.548	REABERTURA DO COMÉRCIO - COMO E QUANDO SERÁ O FIM DA QUARENTENA EM SÃO PAULO? SP TEM 282 MORTOS EM 24 HORAS - 8.276 MORTOS PELA COVID-19 E 123.483 INFECTADOS QUANDO SÃO PAULO VAI REABRIR? LOJISTAS ESTÃO À BEIRA DA FALÊNCIA FIM GRADUAL DA QUARENTENA - VEJA QUAIS SÃO OS PROTOCOLOS QUE DEVEM SER ADOTADOS TODOS OS LEITOS OCUPADOS - GUARULHOS TEM OCUPAÇÃO MÁXIMA DE LEITOS EM UTI BOA NOTÍCIA - GOVERNO ENTREGA 15 RESPIRADORES PARA GUARULHOS
QUINTA 18/06/2020	46.510	BRASIL: 2º EM NÚMERO DE MORTOS - 1269 EM 24H: 46510 MORTES E 955377 DE INFECTADOS SP TEM 325 MORTOS EM 24 HORAS - 11.846 MORTOS E 192628 INFECTADOS POR CORONAVÍRUS PANDEMIA DE CORONAVÍRUS - 2 DIAS SEGUIDOS: SP BATEU RECORDE DE MORTES EM 24H CRISE DA COVID-19 - 1 MILHÃO DE TRABALHADORES PERDERAM O EMPREGO EM MAIO

		AGORA: PAGAMENTO DOS 600 REIAS - MINISTRO ONYX EXPLICA PARCELA DO AUXÍLIO EMERGENCIAL
--	--	---

Fonte: Elaboração própria.

Apesar da exibição e da veiculação do programa coincidir com as coletivas de imprensa, a postura do apresentador se alterou progressivamente em nossa amostragem. Inicialmente, com um tom de confiança quanto à atuação do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, e mais tarde corroborando com a perspectiva de que o ministro tinha interesses políticos escusos na gestão das políticas de saúde na crise sanitária que visavam ofuscar o presidente da república, Jair Bolsonaro.

Além da polarização interna no governo federal, a cobertura também promoveu a polarização política que opôs governo federal a governos estaduais, pautando problemas de trânsito em virtude das interdições para forçar o isolamento e o uso político da pandemia por governadores. Ao entrevistar o governador João Dória do estado de São Paulo, Datena sugeriu que o político havia lançado uma candidatura à presidência da república em meio a pandemia, irritando assim o então presidente, o que justificava a ruptura entre o governo federal e os governos estaduais que nas palavras do apresentador “os [governadores] estão pensando mais neles mesmos do que no combate a pandemia”, afirmou Datena no *Brasil Urgente*, 03 de junho de 2020.

Outros estudos já apontam que a disseminação de desinformação contribui para a polarização política deturpando o cenário eleitoral (RUEDIGER, 2020). Neste sentido, a cobertura do Covid-19 pelos programas policiais, marcada pelo viés político e ideológico, enfatizou tal tendência de acirramento da disputa política com prejuízos, além de sanitários, também democráticos.

Em nossa amostragem desde o princípio, o programa focou nos problemas econômicos. E nas três últimas edições analisadas, particularmente, o foco principal foi o pagamento do auxílio emergencial, com participação de autoridades do Ministério da Cidadania e da Caixa Econômica Federal, conforme citamos anteriormente. Nossa amostra compreende apenas os três meses iniciais e é possível identificar que foi progressiva a defesa do programa para o fim do isolamento e para a abertura gradual do comércio: “Reabertura do Comércio - Como e quando será o fim da quarentena em São Paulo?” e “Fim gradual da quarentena – veja quais são os protocolos que devem ser adotados”. O programa, no entanto, noticia o recorde de mortes nas últimas 24h em diferentes regiões do país. O programa apresenta imagens aéreas da cracolândia sugerindo que neste ambiente não haveria nenhum

tipo de isolamento e que para o crime e o vício não haveria quarentena, discurso similar também observado no programa *Alerta Nacional*.

Na última edição analisada, aquela em que o assessor parlamentar Fabrício Queiroz foi preso, Datena reprisou uma entrevista com o apresentador Carlos Massa, o Ratinho, produzida para seu programa de rádio pela manhã. Trechos selecionados para exibição no programa televisivo, no entanto, versavam em sua maioria sobre críticas à imprensa brasileira e aos governadores. Ambos os apresentadores problematizam a contrastante quantidade de entrevistas que o presidente concede a eles, conforme destacamos a seguir:

Datena: E a gente entrevistou qualquer presidente da República como qualquer outro queria fazer e não consegue. E a gente faz pergunta que o povo queria fazer, mas não tem coragem...

Ratinho: Eu gostaria de lembrar ao seu telespectador que eu consegui entrevistar Fernando Henrique, consegui entrevistar o Lula umas 4 vezes, consegui entrevistar a Dilma 2 vezes e o Michel Temer... Enfim eu entrevistei todos os presidentes nacionais e em todas as vezes que eu conversei foi em um período em que eles tiverem na pior situação. Eu nunca deixei de entrevistar e eu não vou deixar de entrevistar. Eu quero que o Brasil vá bem, eu não tenho interesse se o cara ganha eleição, se manda verba paralela para entrevistar.... Desde que o Bolsonaro... então, eu tenho visto, não defendendo Bolsonaro, eu estou aqui falando a verdade! Desde que ele entrou ele está sendo arrebatado por uma grande quantidade de gente da imprensa que não gostou porque a esquerda perdeu. Por que a esquerda perdeu agora e pode ganhar em 2022. O Brasil que é importante, a imprensa está tentando derrubá-lo de qualquer forma, eu fico preocupado com isso. O tempo todo! Não tem quem suporte isso!

[...] Isso é uma perseguição desnecessária... a grande imprensa do Brasil não está pensando no país, está pensando em derrubar o governo e é hora de a gente pensar no país, estão tentando derrubar o presidente. A esquerda não se conforma e toda redação de jornal é de esquerda! Eles não se conformam da esquerda não tem ganho, não tem motivo para bater no cara, tem que bater no cara se tiver que corrupção, se tiver crime, se atrapalhar, mas muito pelo contrário! (Entrevista RATINHO, *Brasil Urgente*, 18 de junho de 2020).

O trecho selecionado problematiza o fato de que ambos eram apontados naquele momento como comunicadores bolsonaristas. O desenvolvimento da fala do apresentador Ratinho sugere que a cobertura da imprensa é crítica ao presidente, pois as “redações são em sua maioria de esquerda” e que não há motivos para criticá-lo. É sintomático que o trecho

integre a edição que noticia a prisão de Fabrício Queiroz, reduzindo as críticas ao governo à inclinação política das redações e a interesses da classe artística. Quanto a gestão de recursos da pandemia, o apresentador atribuiu sem contestações os erros aos prefeitos, conforme trecho a seguir:

eu vou repetir aqui não teve nenhum caso de corrupção no governo Bolsonaro. Nós não podemos ter mais corrupção e não estamos tendo! Vai acontecer casos de corrupção agora por causa da pandemia, por causa dos prefeitos que meteram os pés pelas mãos. E que abusaram da verba de emergência, roubaram do governo federal, nós vamos sair mais fortes dessa pandemia. Nessa pandemia nós aprendemos muito. Em 2022, a gente escolhe em que a gente quer votar. (RATINHO, *Brasil Urgente*, 18 de junho de 2020).

A dicotomia entre governo federal e governos estaduais e municipais ganha contornos maniqueístas. Aos prefeitos são atribuídas ações escusas e corruptas. O trecho apresentado finaliza com críticas ao Supremo Tribunal Federal declarando que “Ministro não dá entrevista, parecendo que é artista”, que as medidas tomadas pelo presidente são certas e que apenas seus gestos são errados. Contesta-se também as pesquisas que apontam para a baixa popularidade presidencial. Também observamos estratégias discursivas similares no programa *Alerta Nacional*, conforme relataremos a seguir.

4.2 O Alerta Nacional

O *Alerta Nacional* é transmitido para todo o Brasil a partir de Manaus. A cidade obteve o maior excesso de mortes por Covid-19 do país (ORELLANA et al, 2020) e protagonizou um dos momentos mais críticos da pandemia ocasionado pela ausência de leitos hospitalares, respiradores e medicamentos eficazes para o tratamento da doença. No início da pandemia, Sikêra Júnior protagonizou quase uma epopeia. O apresentador proferia discursos de relativização ao vírus até ser contaminado e pedir desculpas. Semanas depois, o apresentador continuou a criticar medidas de restrição impostas pelos governos estaduais e municipais e a proferir discursos com desinformação.

A partir dos episódios analisados em nossa amostra (Tabela 04), é possível identificar que no contexto de seu afastamento do programa para tratamento da doença e na primeira semana de seu retorno, a produção não elaborou matérias ou menções a pandemia de Covid-19. A invisibilidade do tema neste período nos parece sugestiva de quão paradoxal foi a

postura adotada até o momento. É contraditória considerando o avanço da pandemia no país e especialmente no estado onde o programa é produzido.

Tabela 04. Detalhamento das edições do programa Alerta Nacional analisadas

DIA DA SEMANA DATA DE EXIBIÇÃO	Quantidade de vítimas oficiais do Coronavírus	ALERTA NACIONAL
SEXTA 20/03/2020	11	RUAS VAZIAS E PILANTRAS EM AÇÃO: BANDIDOS PRESOS POR VENDER GEL FALSO PARA A POPULAÇÃO LINK AO VIVO - GOVERNO DE SÃO PAULO DECRETA ESTADO DE CALAMIDADE: NOVE PESSOAS MORRERAM EM SÃO PAULO E DUAS NO RIO DE JANEIRO LINK AO VIVO - AMAZONAS CONFIRMA O SÉTIMO CASO DE CORONAVÍRUS: SEGUNDO O GOVERNO, 13 CASOS SUSPEITOS AGUARDAM RESULTADOS DE EXAMES
SEGUNDA 04/05/2020	7.921	NENHUMA
TERÇA 19/05/2020	17.971	NENHUMA
QUARTA 03/06/2020	32.548	NENHUMA
QUINTA 18/06/2020	46.510	COMERCIANTES EM DESESPERO: SITUAÇÃO DIFÍCIL PARA OS LOJISTAS DA FEIRA DE ITAIPAVA

Fonte: Elaboração própria.

Dentre as principais características do *Alerta Nacional* há um forte tom de humor e entretenimento⁶. Segundo o site da emissora, o programa “mescla irreverência com jornalismo policial”. Além do “show de talentos”, entre a exibição de reportagens sobre crimes violentos, há a presença de um elenco formado por seis homens jovens da equipe de produção, dois deles fantasiados - um de samurai e o outro com a cabeça de um jumento. Todos são chamados por apelidos, há sátiras de famosos, participação em desafios e brincadeiras. Sikêra Júnior conduz o programa de forma caricata, fazendo imitações e movimentando-se de forma cênica. As matérias de seu programa são elaboradas por repórteres policiais de diferentes regiões do país, alinhados com a característica dramática da atração. A maioria destes repórteres também possuem apelidos, como exemplo, os repórteres Lucas Móbbille – “o anjinho de cemitério” e Edie Polo – “o mensageiro da desgraça”.

⁶ Esta é a marca característica do seu mediador, o apresentador Sikêra Júnior, cujas bases profissionais se iniciam no teatro e se tornam nacionalmente conhecidas a partir de trechos cômicos de sua apresentação no programa policial *Plantão Alagoas*, na TV Ponta Verde, afiliada no SBT no estado.

Nesse cenário, quando a pauta Covid-19 surge, o programa se adequa ao padrão discursivo, ora com humor, ora com alarmismo. Por exemplo, em um certo momento, o apresentador, ao passar a mão na boca, solicita, “desesperadamente”, para a produção “álcool gel, querosene, água, óleo diesel” para limpá-la. O tom de deboche situado pelo exagero relativiza a importância das medidas de prevenção. De outro modo, o contexto da pandemia serve também para enfatizar a violência social, como na matéria “Comerciantes em desespero”. O alarmismo ao anunciar a matéria se insere sobre a esfera econômica e não sobre os riscos de transmissão e de letalidade do novo vírus. Tal postura, se mantém durante toda a pandemia.

Em nossa amostra do programa *Alerta Nacional*, identificamos certa invisibilidade da pandemia de Covid-19 como uma pauta, conforme destacamos anteriormente. O tema foi tratado, em diferentes ocasiões, em breves comentários do apresentador ou em citações indiretas sobre a conjuntura política e da saúde. Assim como no programa *Cidade Alerta*, há significativos recados à cobertura da “imprensa” e a classificação pejorativa de que a cobertura alheia reproduz terrorismo. “Vocês estão fazendo terrorismo eu volto a dizer. [...] Vocês querem calar o povo. O povo já sabe a verdade: Vocês manipulam. Vocês da imprensa ruim...”, afirmou Sikera Júnior na edição do *Alerta Nacional* de 07 de abril de 2020.

No mesmo discurso, o apresentador chega a citar o Presidente Jair Bolsonaro em contraposição à Luiz Inácio Lula da Silva, líder do Partido dos Trabalhadores. Em seguida, há uma deslegitimação da classe política e do Supremo Tribunal Federal. Além da valorização do aspecto econômico, a fala do apresentador denota superficialidade na análise dos problemas sociais, como de que o Brasil irá ficar igual a Venezuela. Esse discurso de “nova política”, inclusive, foi essencial para eleger o novo presidente, conforme trecho abaixo.

Você que escreve e fala mal de mim... e agora tudo que eu falo aqui eu sou do Bolsonaro. Aí ele é do Bolsonaro! Aí ele é do Bolsonaro! **Eu prefiro continuar sendo do Bolsonaro! Do que de um ladrão condenado na terceira, quarta ou quinta instância** e ninguém faz ***** nenhuma. [...]

Eu digo desde o início: - **Eu tenho que trabalhar! Eu preciso trabalhar!** Eu e a minha equipe. E você que orienta que o povo fique em casa e você que tem opinião lacradora: Fique em casa, que eu vou pra rua... Não faça isso! Gente rica mandando o povo ficar em casa é muito bom, é muito prático. [...]

Por que o seu parlamentar... ele deixou de receber o salário... um centavo do salário dele? Um centavo do assessor dele? **Pergunta se o Supremo Tribunal Federal baixou o salário!** Troca em remédio, em respirador, em ambulância,

em maca e cesta básica. O seu parlamentar não faz isso! – Ei! no meu não! No teu e no meu, sim. Se a gente não for inteligente...

Nós vamos ficar igual à Venezuela: comendo cachorro, comendo gato. Acorda, Brasil! Acorda, Brasil! Pelo amor de Deus! [...]

Vamos ao Rio de Janeiro. Um adolescente foi morto enquanto estava perto de um ponto de vendas de drogas. Não fecharam não os pontos de droga, Elis? Como é que o governador conseguiu fechar o comércio todinho e não fechou uma boca de fumo? Me explica, por favor... Para não ficar nervoso... **Olha, me dê água, por favor... Como é que o governador conseguiu fechar a cidade e o comércio todinho e não conseguiu fechar os pontos e as bocas de fumo?** Por que não vai lá no morro? E diz fecha está proibido vender! (SIKERA JÚNIOR, Alerta Nacional de 07 DE ABRIL DE 2020. **Grifo nosso**)

Nessa perspectiva, Sikêra Júnior corrobora em seus discursos com as ações adotadas pelo Presidente Jair Bolsonaro, ao mesmo tempo em que tece críticas indiretas ao Governador de São Paulo, João Dória. Ainda, na análise dos programas, as marcas de um discurso de religiosidade conservadora se destacaram. Sempre no final do programa, o apresentador faz orações de agradecimento e, por vezes, pedidos de proteção contra o vírus. A oração é contraditória à postura negacionista de Sikêra Júnior, mas condizente com a forma com que este se apresenta como um defensor do povo, preocupado com os problemas sociais.

De um modo geral, a religiosidade se apresenta como forma de simplificação de discursos presentes na retórica de programas policiais. O uso do bem *versus* o mal, Deus *versus* o diabo, e o bandido contra o cidadão de bem também servem para engajar o público em uma sensação de pertencimento e de compartilhamento de emoções. A cobertura do novo coronavírus trouxe diversos debates científicos e termos médicos poucos usuais.

De outro modo, para os programas policiais, a simplificação da linguagem garante que a mensagem seja compreendida pelo seu público, o aproximando. Nesse contexto, para o apresentador, a existência da pandemia é castigo aos pecados cometidos pela sociedade. Após o *link* ao vivo, o “Governo de São Paulo decreta estado de calamidade”, e Sikêra Júnior relaciona as ruas vazias da 25 de março ao apocalipse. Ao transferir a existência de um vírus para a esfera religiosa, o apresentador afasta argumentos científicos e limita a perspectiva crítica sobre a responsabilidade da sociedade e dos governantes. Além disso, o uso do poder simbólico religioso reitera comportamentos morais conservadores.

O discurso de Sikêra Júnior, apoiado na religião, reitera os resultados da pesquisa “Ciência Contaminada”, conforme apresentados por Machado et al (2020). Após análise de

11.526 vídeos do Youtube⁷, as narrativas de cunho religioso estavam entre uma das quatro redes de temas frequentes localizados sobre o vírus na plataforma. Na pesquisa, a pandemia era interpretada a partir da religião e com desqualificação das evidências científicas. Os termos “Praga de Deus”, “Punições divinas” e “Apocalipse” foram citados.

A pesquisa é reiterada por nossa conclusão, a qual aponta que tais discursos proferidos de forma alarmista servem, de forma paradoxal, para minimizar a gravidade da pandemia. O programa policial em caso, habituado ao uso do sensacionalismo a partir da veiculação de crimes violentos, transfere, deste modo, para a esfera religiosa o seu efeito de sentido do medo.

As mudanças na estrutura da TV comercial aberta, tanto na sua lógica de distribuição como de programação, iniciaram no Brasil com a chegada das TVs de acesso condicionado. Brittos (2007) denominou o período de “multiplicidade de ofertas”, iniciado a partir da aprovada Lei do Cabo no Brasil, em 1995. Essa fase de desconcentração de audiências tem-se consolidado desde então, se fortalecendo com o avanço das tecnologias móveis e a chegada dos *streamings* e plataformas de compartilhamentos de vídeos, como o *Youtube*.

O redesenho do mercado televisivo não se restringe a nova forma de assistir TV, mas também pelas acomodações dos atores ao modelo de acumulação capitalista. Com a concorrência, a margem de lucro das emissoras abertas tem reduzido vertiginosamente. Para o conteúdo televisivo, a consequência dessa pulverização da audiência, é de uma programação mais popular e repetidora de fórmulas de sucesso. Os programas policiais se acomodam nessas duas tendências. Nesta esteira, diversos teóricos da Economia Política da Comunicação correlacionam a necessidade de lucro e ganho de audiência como norte da programação televisiva aberta, repercutindo em uma baixa qualidade. (BRITTOS, BOLAÑO, 2007; BOLAÑO, 2004; MORAES, 2010).

Consideramos que na maioria dos casos analisados, a veiculação não partiu de uma notícia falsa de fácil checagem através de fontes de informações oficiais. Ao contrário, os discursos do apresentador possuíam um forte apelo emocional e sensacionalista marcados por opiniões sem embasamento, por descontextualizações e por alinhamento ideológico político. Deste modo, o recurso da desinformação é utilizado como reforço ao padrão de comunicação já utilizado no programa, que reitera o processo denominado pela economia política da comunicação como mercantilização das audiências.

⁷ A pesquisa se realizou entre 01 de fevereiro e 17 de março de 2020. Os métodos utilizados foram de análise lexical e análise qualitativa. Os outros três achados se referem a (2) teorias da conspiração geopolíticas (3) oportunidades de negócios para médicos; (4) Informação com respaldo científico.

5 APONTAMENTOS FINAIS

De um modo geral, a forma com que o vírus foi tratado nos programas tem finalidades econômicas e políticas que visam o lucro. Identificamos a relativização da doença e supervalorização dos efeitos econômicos do isolamento em ambos os programas analisados. Os discursos fortemente opinativos, após a transmissão das matérias, tecem críticas a políticas públicas de contenção do vírus e deslegitimavam ações de governantes estaduais. Neste sentido, a desinformação seguiu a tendência do movimento de polarização política.

Além disso, transferência da explicação das origens do coronavírus para o campo religioso foram localizados nas análises, especialmente no programa *Alerta Nacional*. A COVID-19 consistiria como uma resposta apocalíptica à fraqueza dos valores morais da sociedade. Deste modo, a simplificação dos discursos e do sensacionalismo foram forjados, aproximando o público e compartilhando emoções de pertencimento. O programa reforçou também a informação de que os governadores e os prefeitos ocultaram informações e permitiram que o vírus se espalhasse pelo país durante o carnaval. O programa *Brasil Urgente* também corroborou com tal dicotomização política, mesmo que partisse de uma produção com contornos jornalísticos mais formais, sugerindo interesses políticos de governadores e de prefeitos e excessos nas críticas à gestão das políticas sanitárias do governo federal.

Juntos, os dois programas avaliados neste artigo divulgaram mensagens que contrariavam orientações da Organização Mundial da Saúde e põem em risco a vida pessoal e de terceiros. Historicamente, o modelo de fiscalização estatal é falho e engessado, impedindo uma resposta mais rápida e eficaz em casos de violações explícitas de direitos.

Tal aspecto, somado à postura negacionista do Governo Federal, provoca um contexto de total liberalidade para as emissoras. Acreditamos que, diante de situações graves como as campanhas contra o isolamento social em decorrência do COVID-19, há uma necessidade de resposta fiscalizatória urgente, visando a preservação do direito à saúde e à vida, além da integridade física, da integridade psíquica e da segurança de sociedade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOLAÑO, C. **Mercado Brasileiro de televisão**. 2. ed. revisada e ampliada – São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe; São Paulo, EDUC, 2004.

BOLAÑO, C; BRITTOS, V. **A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes**. São Paulo: Paulus, 2007.

CABRAL, A. Economia política da comunicação no Brasil: terreno fértil para análises maduras. In: BRITTOS, V. C.; CABRAL, A. (org.). **Economia política da comunicação: interfaces brasileiras**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

CANAVILHAS, João. **O domínio da informação-espetáculo na televisão**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020

HIRST, Martin. **Towards a political economy of fake news**. The political economy of communication, v.5, n.2, 2017. Disponível em: <http://www.polecom.org/index.php/polecom/article/viewFile/86/288>. Acesso em: 12 mai. 2022

KANTAR/IBOPE. **Covid 19 Impactos do consumo de mídia. 2020**. Disponível em <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-covid-19-19-3/>. Acesso em: 21 set. 2020

LEAL, L. **A melhor TV do Mundo**. São Paulo: Summus, 1997. Comunicação & Educação, São Paulo, (26): 17 a 34, jan./abr. 2003.

MACHADO et al. **Analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via YouTube** (relatório). 2020. Disponível em: https://laut.org.br/ciencia-contaminada.pdf?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=cincia_contaminada. Acesso em: 04 mai. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20declarou,se%20unir%20contra%20o%20v%C3%ADrus>. Acesso em: 22 set.2020

MORAES, D. de. **Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. Dossiê Comunicação e Política. **Revista Debates**, 4 (1): 54-77, 2010. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/12420>. Acesso em 05 mai. 2021.

OMS. **Brote de enfermidade por coronavírus (COVID-19): orientaciones para el público**. 2020. Disponível em: < <https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public> >. Acesso em: 22 set. 2020

ORELLANA, Jesem Douglas Yamall, et al. **Excesso de mortes durante a pandemia de COVID-19: subnotificação e desigualdades regionais no Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, e00259120, Set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00259120>.. Acessos em: 21 Set. 2021.

RUEDIGER, Marco Aurélio. **Desinformação nas eleições 2018: o debate sobre fake news no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2018. Disponível em: < <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/29093> > Acesso em: 04 mai. 2021.



RUEDIGER, Marco Aurélio, GRASSI, Amaro. **Desinformação online e eleições no Brasil: a circulação de links sobre a desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no Youtube (2014-2020)** Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020. Disponível em:

< <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30085> > Acesso em: 04 mai. 2021.

SANTOS, Suzy dos. **Convergência divergente: a tv aberta na contramão global.** João Pessoa: Xeroca!. 2015.

Original recebido em: 30 de dezembro de 2021.

Aceito para publicação em: 27 de fevereiro de 2023.

Janaine Sibelle Freires Aires

Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Líder do Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual (EPA/UFRN).

Ticianne Maria Perdigão Cabral

Professora da Unyleya. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e em Direito pela Universidade Potiguar (UnP).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

